

Sarney diz em Cuiabá que terror ameaça democracia

CUIABÁ — A exemplo do que fez anteontem na Paraíba, o presidente José Sarney, que veio a Cuiabá para assinar o contrato de concessão para construção da ferrovia Leste-Oeste, voltou a manifestar preocupação com o momento político e a criticar os atos de terrorismo, que na sua opinião podem comprometer o processo de transição democrática.

“O presidente anda preocupado, neste ano de eleição presidencial, que a exacerbada das paixões perturbem o caminho da democracia, da paz e da tranquilidade que o povo brasileiro quer”, disse o Sarney ao discursar após a cerimônia de assinatura do contrato, no auditório do palácio do governo estadual. Ele deixou de lado o discurso escrito que trazia nas mãos, “para falar palavras mais francas ao povo de Mato Grosso.”

— “Fizemos nossa independência sem

sangue e sem violência, fizemos nossa república sem sangue e sem violência, e não poderemos construir nossa democracia com a violência e o terror”, disse o presidente Sarney, após lembrar que a construção do regime democrático “exige paciência, limitação de direitos e afirmação de deveres”

Sarney convocou o povo a incorporar “a vontade de resistir às tentações da violência, do terror, queimando etapas da democracia, para dar um exemplo de comportamento do que é construir uma democracia”. Dizendo-se ainda um otimista, apesar da crise, o presidente defendeu a união de todas as forças políticas, na busca de soluções para os problemas do país. Ressaltou que a construção da democracia passa necessariamente pela eliminação das disparidades de renda que ainda persistem no Brasil.

Forte aparato cerca a chegada

CUIABÁ — Um grande aparato de segurança, que incluía contingentes do Exército, Aeronáutica, agentes federais e do SNI, além de policiais civis e militares de Mato Grosso, garantiu a tranquilidade do presidente José Sarney durante sua rápida estada, de pouco mais de três horas, na capital mato-grossense, onde veio assinar o contrato de concessão autorizando a empresa Ferronorte S.A., de propriedade do empresário da soja Olacyr de Moraes, a construir a Ferrovia Leste-Oeste, que ligará Cuiabá a Santa Fé do Sul, em São Paulo, e Uberaba e Uberlândia, em Minas Gerais, numa primeira etapa, numa extensão de 11.030 km.

O Boeing presidencial pousou no Aeroporto Marechal Rondon, na vizinha cidade de Várzea Grande, às 8h10, onde já havia um forte esquema de segurança que praticamente isolou toda a área. Sarney veio acompanhado da mulher, Dona Marly, dos ministros Bayma Denis, da Casa Militar; dos Transportes, José Reinaldo Tavares; e do governador Carlos Bezerra (PMDB), que se encontrava em Brasília. Ainda na pista do aeroporto, várias autoridades estaduais, perfiladas, aguardavam o presidente, que evitou a imprensa, dirigindo-se imediatamente à sala vip.

Desvio — Informada de que estudantes e funcionários da Universidade Federal de Mato Grosso, que está em greve, e membros da CUT programavam uma manifestação, a segurança presidencial preferiu que o presidente utilizasse a Avenida Perimetral para chegar até o Palácio Paiaguas, evitando o centro da cidade. Em todo o percurso havia policiais e guardas de trânsito. Soldados do Exército também foram vistos até embaixo da ponte que atravessa o Rio Cuiabá. Ao centro político-administrativo, onde fica a sede do governo, só tiveram acesso carros autorizados e pessoas identificadas com crachá, de forma a evitar a presença de manifestantes.

Mesmo assim, ao deixar o palácio do governo em direção ao aeroporto, o presidente se viu obrigado a assistir a uma pequena manifestação na Avenida Rubens de Mendonça, onde cerca de 80 pes-

soas, controladas por soldados do Exército e tropas de choque da PM, portavam cartazes e faixas criticando o arrocho salarial e gritavam slogans como “ferrovia não, saúde e educação”, e “um, dois, três, quatro, cinco, mil, queremos o Sarney fora do Brasil”. Não foi registrado, entretanto, nenhum incidente.

Desde que chegou ao aeroporto, o presidente Sarney aparentava muita tensão e poucas vezes sorriu. O presidente só se descontraiu um pouco quando decidiu discursar de improviso, após ter sido aplaudido de pé por um seleto grupo de convidados no auditório do palácio, quando anunciou a liberação de US\$ 35 milhões para a construção da usina hidrelétrica do Rio Manso, uma antiga reivindicação dos mato-grossenses.

Ironia — Sarney defendeu a importância do transporte ferroviário, ironizou os críticos da Norte-Sul — “se fosse Sul-Norte, ninguém criticaria”, disse o presidente — e fez um breve relato das obras realizadas em Mato Grosso com recursos federais.

O contrato para a construção da Leste-Oeste foi assinado pelo presidente Sarney e pelo empresário Olacyr de Moraes, presidente do Grupo Itamarati e da Ferronorte S.A., empresa que venceu a concorrência para a construção da ferrovia.

Avaliada em US\$ 1,5 bilhão, a Leste-Oeste será uma ferrovia exclusivamente de carga, com capacidade para transportar até 10 milhões de toneladas de grãos por ano. O projeto prevê, para o futuro, sua extensão até Rondônia e o Porto de Santarém, no Pará.

A obra será toda bancada pela iniciativa privada, mas as empresas interessadas no projeto poderão se beneficiar de incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), que, segundo o ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares, não desembolsará recursos orçamentários. As empresas que participarem do projeto terão direito de exploração comercial por um prazo de 90 anos. O início das obras está previsto para o final deste ano.